

ENTREVISTA COM A DOUTORA MARIA ISABEL EDM PIREZ SOBRE LITERATURA, DOCÊNCIA E SOCIEDADE

Entrevistada pela Equipe Editorial da
Revista Projeção e Docência

Entrevistador: Doutora Maria Isabel. A senhora poderia falar um pouco sobre a sua formação profissional.

Dr. Maria Isabel: Conclui o Mestrado e o Doutorado em Letras, com especialidade em literatura brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No final de 1996 vim para Brasília, e desde 1997 leciono literatura brasileira na UnB. Inicialmente lecionei e orientei trabalhos de pós-graduação sobre crônicas, assunto da minha tese. Pesquisei em Porto Alegre o acervo de dois cronistas cujos textos foram publicados entre 1895 e 1911 no jornal *Correio do Povo*. Com esse trabalho, estudei várias obras do mesmo período (já havia me dedicado a uma delas na dissertação) e também li em clave comparativa muitas crônicas de Lima Barreto, João do Rio e Olavo Bilac, escritores que atuavam no mesmo período no Rio de Janeiro e que eram um paradigma para os cronistas locais. Aqui em Brasília comecei a freqüentar e atuar no Grupo de estudos sobre literatura brasileira contemporânea que começou em 1997 e ao qual pertenço até hoje. Essa participação possibilitou a leitura de muitos escritores contemporâneos e o interesse de lidar com o tema da imigração, o que tenho feito no presente.

Entrevistador: Qual a importância da literatura para a formação do estudante brasileiro hoje? Como a literatura pode dialogar com os mais jovens?

Dr. Maria Isabel: Penso que quando você menciona “formação” está se referindo à escola. Creio que ela deve se preocupar com a formação do leitor de um modo mais amplo, sabendo que a tarefa não é apenas sua. Ela compõe com outras instituições, como as bibliotecas, as livrarias, os cadernos culturais – a imprensa em geral –, o mercado editorial, as jornadas literárias, os projetos governamentais ou não-governamentais um conjunto capaz de suscitar o interesse pela leitura e complementar essa formação. Vistos individualmente, esses atores às vezes podem causar certo desânimo, se considerarmos os desafios que têm de enfrentar, especialmente os relacionados às taxas de analfabetismo no país. Juntos, entretanto, podem tornar o quadro menos desalentador. A literatura, no diálogo com os mais jovens, enfrenta o desafio do confronto com as novas tecnologias. O livro, por sua vez, encontra novos suportes. Há de fato um mundo atraente e diversificado, rondando o universo juvenil. Creio que é preciso atenção tanto para as injunções do presente quanto para as formas de transmissão da cultura.

Entrevistador: Como podemos melhorar a formação do professor de Literatura? O que é uma boa aula de literatura?

Dr. Maria Isabel: O professor é sempre um orientador no sentido de conhecer as obras literárias dos cânones (há tantos em formação) e de selecionar, fazer a triagem, ensinar os critérios que considera adequados para a leitura da obra, lembrando, com Umberto Eco, que “cultura não é acúmulo, mas discriminação”.

O jovem leitor, o que tem acesso a textos pela rede informatizada, aquele que “baixa” informações por esse meio, geralmente o faz de forma caótica, tendendo a confundir quantidade com qualidade. O fato de se reunir muito conteúdo em pouco tempo acaba prejudicando muitas vezes o processo de leitura. Lê-se muito sobre a obra, enquanto ela aguarda silenciosa os seus leitores.

O que torna uma aula mais adequada é a firmeza de enfrentar tudo isso e selecionar, propor, estimular e acompanhar as leituras importantes para aquele momento da aula. Ler o *Macunaíma* (um exemplo do cânone modernista) em sala exige tempo. Só a leitura do primeiro capítulo em sala descarta muitas bobagens que são escritas por aí (veja que não me refiro aos bons ensaios sobre a obra e que esse é apenas “um” exemplo). A docência é sempre uma oportunidade de dialogar com um grupo de 40, 50 jovens, ouvir o que eles têm a dizer, aprender também, discutir sobre textos que constroem visões de mundo diversas, com linguagens singulares, filtradas por experiências também diferentes. É igualmente importante manter o equilíbrio nas discussões entre o que se entende por realidade e por ficção. Muitas vezes estamos lendo como o escritor constrói aquele mundo paralelo e as reflexões tender a se diluir para as questões da vida, da política, do mundo e tentar solucioná-las todas. Os livros apontam para elas, mas criam novos mundos com uma coesão interna. É aí que precisamos ler o que os textos dizem e como o fazem. Espero não ter oferecido nenhuma fórmula, porque acredito que ela não existe.

Entrevistador: Como podemos explorar a relação literatura e sociedade no contexto de nossos dias e qual o lugar da literatura em nossa sociedade?

Dr. Maria Isabel: Como prática cultural, a literatura situa-se historicamente. Muitas vezes o escritor elege tempo e espaço diversos do seu, mas ele vive num tempo e lugar do qual não se distancia. Há sempre uma tensão entre literatura e sociedade. Escritores, como Machado de Assis e Euclides da Cunha ou, contemporaneamente, Milton Hatoum, ensinam muito sobre a sociedade brasileira. Há algo que não foi solucionado nessa sociedade, um fundo arcaico, que emerge na prática da violência, por exemplo. Alguns escritores captaram bem esse dilema. A questão que se evidencia ao leitor é sempre “como” o escritor lida com os seus dilemas. Como a literatura pode ser plenamente exercida, qual é o seu lugar em uma sociedade massificada, violenta, onde muitos sequer têm condições de sobrevivência. Para além de atitudes redentoras ou salvacionistas, creio que a literatura oferece transgressoras possibilidades de interpretar e traduzir o que o outro tem a dizer. Por isso é preciso continuar atento à formação do leitor e ao lugar da escola.